

**O PERFIL SOCIAL DOS PRATICANTES DE VÔLEI DE PRAIA
NAS AREIAS DE COPACABANA**

Edson Luiz Cardoso Junior¹

Camila Pelaes Simões²

Guilherme Locks Guimarães³

RESUMO

**O PERFIL SOCIAL DOS PRATICANTES DE VÔLEI DE PRAIA NAS AREIAS DE
COPACABANA**

O objetivo deste estudo foi levantar o perfil dos praticantes de vôlei de praia de Copacabana da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, realizou-se uma pesquisa descritiva exploratória. O instrumento de pesquisa foi um questionário composto por perguntas fechadas e abertas aplicado em um grupo composto por 50 praticantes de vôlei de praia em Copacabana. Observou-se que 90% são do sexo masculino, 50% moram em Copacabana e que 28% tem idade acima de 50 anos. 84% de nossos colaboradores são praticam voleibol de praia em seus momentos de lazer.

Palavras-chave: voleibol, praia, perfil, praticantes, Copacabana

ABSTRACT

THE SOCIAL PROFILE FROM COPACABANA BEACH VOLLEY PRACTITIONERS

The objective of this study was to describe the profiles of the Beach Volleyball practitioners from Copacabana Beach, located in the city of Rio de Janeiro, Brazil. To do so, an exploratory descriptive methodology was used. The survey instrument was a questionnaire consisting of open and closed questions applied to a group

¹ Professor de Educação Física do Parque de Material Eletrônico do Rio de Janeiro, Força Aérea Brasileira.

² Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEED), Rio de Janeiro, RJ

³ Laboratório do Esporte (LABES), Instituto de Educação Física e Desportos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ

Autor correspondente: Guilherme Locks Guimarães

Rua São Francisco Xavier, 524/9º

Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - Cep 20550-900

E-mail: guilocks@yahoo.com.br

composed of 50 practitioners in Copacabana Beach Volleyball. It was found that 90% of the players were male, 50% lived in Copacabana neighborhood, and 28% were over the age of 50. 84% of our collaborators practice beach volleyball in their leisure time.

Key words: volleyball, beach, profile, practitioners, Copacabana

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o objetivo de desvelar o perfil do praticante do vôlei de praia nas areias de Copacabana, na cidade de Rio de Janeiro.

Através do levantamento do perfil social dos jogadores de vôlei de praia em Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, pretendemos dar subsídios aos professores e outros agentes envolvidos nesta atividade para a promoção de ações públicas que tenham o fim de desenvolver e ampliar o número de praticantes, o que representaria para os profissionais de Educação Física maior demanda neste campo de trabalho.

A razão da escolha do local da pesquisa foi pela informação de que com tantos adeptos, Copacabana fomentou as raízes do vôlei de praia na cidade do Rio de Janeiro¹, e indicaram as redes do Posto Seis, e, também, na Rua Bolívar, em Copacabana, entre os primeiros locais da prática do vôlei de praia na cidade do Rio de Janeiro. Por esse motivo a nossa coleta de dados foi realizada neste espaço geográfico.

O voleibol e o vôlei de praia

O jogo de voleibol foi inventado no final do século XIX, nos EUA, com características específicas para atender as necessidades de um determinado grupo social formado por pessoas de meia idade, associados de uma instituição religiosa denominada Young Men's Christian Asssociation (YMCA), a nossa Associação Cristã de Moços (ACM)^{2,3}.

O vôlei de praia surge como uma atividade recreativa que ocupava o tempo de lazer à beira-mar, e se tornou uma forma de entretenimento mundial. Existem relatos sobre a prática do voleibol nas praias havaianas com equipes de seis jogadores, porém, situa-se na Califórnia na década de 1920 o início da prática dessa atividade esportiva com o assentamento das primeiras quadras nas areias da praia da cidade de Santa Mônica³.

Para a Federação Internacional de Voleibol (FIVB)⁴, no ano de 1920, dá-se o primeiro campeonato de duplas realizado na YMCA de Germantown, localidade da cidade de Filadélfia nos Estados Unidos da América do Norte.

No Brasil, segundo a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV)⁵, o vôlei de praia tem uma tradição que remonta aos anos 30, quando foram disputados os primeiros torneios amadores do Brasil em Copacabana e Ipanema. Pimentel⁶ relata que o Jornal dos Sports promoveu a partir de 1946 torneios que envolviam muitas equipes que em geral tomavam para si a denominação da 'rede' onde jogavam.

Esses torneios eram disputados nas modalidades masculinas e mista, na qual cada equipe se apresentava com três membros do sexo masculino e três do feminino. A equipe mista expôs um esporte que nasceu da sociabilidade de jogadores homens e mulheres em quadra e que cresceu rumo à competitividade⁷.

As 'redes' tinham donos e eram conhecidas por seus nomes¹. Os donos eram pessoas abnegadas que guardavam a rede de voleibol nas suas casas e as montavam no local de jogo⁶. Esta prática se mantém até hoje, é renomada a 'rede' da Tia Leah pela dimensão alcançada na difusão desta atividade esportiva.

O site da CBV⁵ informa que durante décadas, o vôlei de praia foi visto apenas como uma distração de final de semana, praticado por milhares de pessoas em toda a orla marítima do Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, e, mesmo, após a sua mercantilização, espetacularização e transformação em esporte olímpico³, esta atividade se mantém com essas características até os dias de hoje como se reportará mais adiante neste estudo.

O parágrafo anterior indica que existem duas modalidades apresentadas como prática do vôlei de praia, este fato nos remete a denominada Lei Pelé (BRASIL, 1998)⁸, que define como esporte participação a atividade espontânea, isto é, a reunião de pessoas na praia para jogar, e de rendimento àquele que é realizado tendo como objetivo principal a vitória nas competições.

Ao que nos é dado parecer já se está suficientemente esclarecido sobre esta atividade como esporte de participação. Deste modo, pensa-se que nos cabe fazer um breve relato a respeito do percurso que levou vôlei de praia à categoria de esporte de rendimento.

Em 1985, houve um evento que foi marcante para a elevação do vôlei de praia à categoria de esporte olímpico. Atletas de renome nacional do voleibol foram reunidos para a disputa do "Hollywood Volley", nas areias de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro e em Santos, no estado de São Paulo. No ano seguinte o mesmo torneio foi repetido, já com a participação de atletas internacionais³.

O sucesso de público do evento chamou a atenção dos meios midiáticos e o esporte foi oficializado pela FIVB. Em 1987, foi disputado na praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, o "I Campeonato Mundial de Vôlei de Praia". Em 1989, a FIVB instituiu o Circuito Mundial Masculino - World Champion Series³. Já a CBV⁵ informa que em 1992, foram realizadas as primeiras competições femininas e em 1994, o primeiro circuito mundial para as mulheres.

Continua-se esta breve resenha histórica do vôlei de praia, o site da CBV⁵ nos informa que nos Jogos Olímpicos de 1992, em Barcelona, na Espanha esse esporte foi incluído na categoria de exibição. Em 1993, o presidente do Comitê Olímpico Internacional, Juan Antonio Samaranch, assistiu à etapa carioca do circuito mundial e deu o seu aval para a entrada do vôlei de praia no rol de esportes olímpicos. Esse fato ocorreu em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos da América do Norte⁵.

Atualmente, os eventos de vôlei de praia ao redor do mundo consolidaram-se como espaços mercadológicos tanto no local de realização do evento, como em outros lugares por meio de transmissões televisivas⁹.

METODOLOGIA

Tipo de pesquisa

Este estudo é uma pesquisa descritiva na qual se empregou a metodologia exploratória. Este tipo de pesquisa é um estudo de *status*, amplamente utilizado nas ciências comportamentais baseada na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da descrição objetiva e completa¹⁰, como é o caso de nossa pesquisa.

População e amostra

Nesta pesquisa a população foi constituída por indivíduos praticantes do vôlei de praia da praia de Copacabana.

A amostra foi constituída por 50 praticantes de vôlei de praia que estavam aguardando para jogar no momento em que foi realizada a coleta de dado. A idade

de nossos colaboradores está entre 20 e 78 anos, cinco são do sexo feminino e 45 do sexo masculino.

Instrumento de coleta de dados

A pesquisa foi formulada a partir de um questionário validado por dois professores doutores do Instituto de Educação Física e Desporto da Universidade do Rio de Janeiro. O questionário é composto por 13 perguntas divididas em duas partes. A primeira parte teve como intuito levantar dados pessoais como idade, sexo, grau de estudo e atividade laboral. A segunda teve como objetivo elucidar questões do tipo: tempo de experiência no esporte, frequência semanal, meio de transporte utilizado e distância percorrida até o local da prática.

Procedimentos para a coleta de dados

A pesquisa foi realizada em dois finais de semana consecutivos, nos dias 13, 14, 20 e 21 de setembro de 2014, em sete 'redes' da praia de Copacabana conhecidas pela sua localização em relação à rua perpendicular à praia, hotel, restaurante ou do posto de salva-vidas próximos às mesmas, deste modo, coletou-se os dados: na Bolivar, no Othon, Posto 5, Francisco Sá, Souza Lima e as duas Redes do Posto 6. Os praticantes que responderam ao questionário são os que estavam aguardando a sua vez de jogar.

Deste modo, para que fosse realizada a coleta de dados, foi apresentado aos nossos colaboradores um "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" (BRASIL, 2012)¹¹, constando o objetivo da pesquisa, garantindo o sigilo dos nomes de cada indivíduo, e solicitando permissão para utilizar os dados oriundos da entrevista neste estudo. Obtida a permissão, o questionário foi explicado a cada atleta, e respondido de modo presencial e individual.

APRESENTAÇÃO E CONSTATAÇÃO DOS DADOS

Com o objetivo de não haver casas decimais nas frequências relativas, o processo de arredondamento dos números foi realizado da seguinte maneira: até 0,5, o número foi mantido, enquanto que acima de 0,5, o número inteiro foi aumentado em uma unidade. Portanto, a frequência relativa total em alguns dados será maior ou menor que 100%.

Quadro 1: Distribuição da amostra modalidade esporte de participação e rendimento

Modalidade	Frequência absoluta	Frequência relativa
Participação	42	84%
Rendimento	8	16%

O quadro 1 indica o percentual dos entrevistados que praticam a modalidade participação, 84% (n=42), e daqueles federados, e, por isso, são classificados como praticantes do esporte de rendimento, 16% (n=8). Ressalta-se que todos os atletas federados são ou foram profissionais de vôlei de praia. Cumpre destacar que existe, entre estes, uma representante do sexo feminino.

Informou-se, anteriormente, que o vôlei de praia nasceu da sociabilidade de jogadores homens e mulheres em quadra⁷. Porém, os nossos dados nos permitem constatar, pelo menos em nossa amostra, que a prática feminina em Copacabana é reduzida, já que, apenas 10% (n=5) dos nossos colaboradores são do sexo feminino.

O fato de que a maioria dos nossos colaboradores tenha declarado não ser federado como atleta do vôlei de praia, nos faz afirmar que a nossa amostra se mantém fiel às características iniciais do vôlei de praia, isto é, praticam-no nos momentos de lazer.

Quadro 2: Distribuição da amostra por faixa etária.

Faixa etária (anos)	Frequência absoluta	Frequência relativa
20-29	9	18%
30-39	13	26%
40-49	14	28%
50-59	8	16%
60-69	3	6%

+ 70	3	6%
------	---	----

O quadro 2 mostra a distribuição da faixa etária de nossos entrevistados, entre 20 a 29 anos: 18% (n=9); entre 30 a 39 anos: 26% (n=13); entre 40 a 49 anos: 28% (n=14); entre 50 a 59 anos: 16% (n=8); entre 60 a 69 anos: 6% (n=3); e maior de 70 anos: 6% (n=3).

A leitura destes dados nos faz destacar que a faixa etária de maior participação nesta atividade é de 40 a 49 anos, representando 28% (n=14). Percebe-se 12% (n=6) dos nossos colaboradores são idosos, isto é, tem mais de 60 anos de idade. Informa-se, também, que, o mais jovem tem 20 anos e o mais idoso 78 anos. E apesar de encontrá-los jogando, não se entrevistou praticantes menores de idade devido à necessidade do termo de consentimento ser assinado por um responsável.

Quadro 3: Estudo formal.

Grau estudo concluído	Frequência absoluta	Frequência relativa
Fundamental	4	8%
Médio	15	30%
Superior	14	28%
Pós-graduação	17	34%

Este quadro apresenta a situação dos nossos entrevistados em relação ao estudo formal concluído. Ensino Fundamental: 8% (n=4); Médio: 30% (n=15); Superior: 28% (n=14); Pós-Graduação: 34% (n=17).

O Portal Brasil^{12, 13} informa que a fonte dos seus dados é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados do IBGE relativos à educação formal no Brasil são representados por uma pirâmide, em cuja base está o ensino fundamental e no topo a pós-graduação. Já a nossa amostra inverte estes dados e, situa na base os colaboradores que concluíram a pós-graduação e no topo os que têm o ensino fundamental. Deste modo, ao se cruzar os dados obtidos em nossa amostra com aqueles exibidos no Portal Brasil, percebe-se que ela não é representativa da população brasileira no que se refere à educação formal.

Quadro 4: situação atividade laboral.

Situação laboral	Frequência absoluta	Frequência relativa
Empregados	35	70%
Não trabalham	6	12%
Aposentados	9	18%

O quadro 4 indica a situação dos entrevistados em relação à atividade laboral. 70% (n=35) estão empregados; 12% (n=6) não trabalham no momento e 18% (n=9) estão aposentados.

Relata-se que não houve preocupação em saber entre os que não trabalhavam, no momento da entrevista, se estavam estudando ou realmente desempregados. E parece-nos que os dados relativos ao número de empregados somado aos de aposentados reforçam que a prática dessa atividade se dê nos momentos de lazer de nossos colaboradores.

Quadro 5: Distância casa x Local de prática*

Distância km	Frequência absoluta	Frequência relativa
<1	19	38%
1 a 5	15	30%
5 a 10	6	12%
+10	10	20%

*Distância estimada pelos colaboradores

O quadro acima demonstra a distância entre a moradia e o local onde jogam os praticantes. Constatamos que 38% (n=19) percorrem menos de 1Km para chegar a 'rede' em que jogam; 30% (n=15) entre 1 a 5Km; 12% (n=6) entre 5 a 10Km e 20% (n=10) uma distância acima de 10Km.

A distância percorrida até a sua 'rede' nos leva a afirmar que os nossos colaboradores apresentam o mesmo padrão descrito em diversos tipos de populações, a preferência por praticar atividade física, próximo ao local de sua residência^{14,15,16}.

Quadro 6: Bairro em que reside

Bairro	Frequência absoluta	Frequência relativa
Copacabana	17	34%

Botafogo	8	16%
Flamengo	5	10%
Tijuca	5	10%
Méier	3	6%
Ipanema	3	6%
Outros	9	18%

Este quadro demonstra o bairro de residência de nossos colaboradores: Copacabana 34% (n=17); Botafogo 16% (n=8); Flamengo 10% (n=5); Tijuca 10% (n=5); Méier 6% (n=3); Ipanema 6% (n=3); outros bairros 18% (n=9).

Para quem não conhece a cidade do Rio de Janeiro, Botafogo, Flamengo e Ipanema são bairros próximos à Copacabana e possuem praias. Os demais praticantes destas 'redes' residem em bairros não litorâneos.

Quadro 7: meio de transporte casa x local da 'rede'.

Transporte utilizado	Frequência absoluta	Frequência relativa
Caminhando	25	50%
Ônibus	8	16%
Metrô	5	10%
Carro	5	10%
Bicicleta	4	8%
Motocicleta	3	6%

Este quadro informa a respeito do meio de transporte utilizado pelo praticante de vôlei de praia até o local da sua 'rede'. 50% (n=25) informaram que chegam até a sua 'rede' caminhando; outros declararam que utilizam transportes públicos e privados tais como: ônibus 16% (n=8); metrô 10% (n=5); carro 10% (n=5); bicicleta 8% (n=4) e moto 6% (n=3).

Lembra-se que 38% (n=19) deles moram a menos de 1 km do local da 'rede', e outros 22% (n=11) residem nos bairros de Ipanema e Botafogo, contíguos à Copacabana, o que parece explicar a opção do caminhar como principal meio de transporte.

Quadro 8: Tempo de prática do vôlei de praia

Tempo de prática (anos)	Frequência absoluta	Frequência relativa
<10	9	18%
10-19	16	32%
20-29	16	32%
30-39	3	6%
+40	6	12%

O quadro 8 informa o tempo de prática de vôlei de praia entre os nossos colaboradores: menos de 10 anos: 18% (n=9); de 10 a 19 anos: 32% (n=16); de 20 a 29 anos: 32% (n=16); de 30 a 39 anos: 6% (n=3) e acima de 40 anos: 12% (n=6).

Entende-se que a indicação de mais de 40 anos de prática de vôlei de praia possa causar perplexidade. Mas, sobretudo, para quem é da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, isto, é compreensível, já que a ida à praia é um acontecimento habitual desde a mais tenra idade. Com o intuito de evidenciar a corriqueirice desta longa prática do vôlei de praia chama-se em causa o depoimento de Tia Leah: comecei a jogar quando tinha 15 anos, em 1934, em frente à Rua Joaquim Nabuco. Depois montei minha 'rede' na Rua Souza Lima. Joguei sempre como levantadora, até meus 70 anos, em 1989¹.

A título de informação destaca-se que além do vôlei, outras atividades esportivas têm a praia como local de prática, por exemplo: o futebol na areia, também denominado *beach soccer*, frescobol e o futvôlei. Além desses ocupam este espaço o *beach tennis*, futebol americano e *beach hand*.

Quadro 9: Locais de Prática

Local de prática	Frequência absoluta	Frequência relativa
Praia	50	100%
Praia/clube	9	18%
Praia/academia	1	2%

Para os efeitos desta pesquisa entende-se por clube uma associação de pessoas que pagam para pertencer ao quadro de sócios e, por academia um estabelecimento comercial onde as pessoas pagam para comprar serviços relativos

às aulas de ginástica, esportes, dança, etc. Deste modo, o quadro 9 indica que 80% (n=40) dos nossos colaboradores praticam esta atividade esportiva somente na praia, porém, tínhamos o interesse em saber se o vôlei de praia era praticado em outros locais, assim, foram declarados, também, praia e clube: 18% (n=9) e praia e academia: 2% (n=1).

Quadro 10: Prática Semanal.

Atividade x semana	Frequência absoluta	Frequência relativa
1 a 2	40	80%
3 a 4	7	14%
5	1	2%
+ 5	2	4%

Quanto a pratica semanal do vôlei de praia o quadro 10 informa que de 1 a 2 vezes por semana 80% (n=40); 3 a 4 vezes 14% (n=7); 5 vezes 2% (n=1) e mais de 5 vezes 4% (n=2).

Por conhecermos o ambiente porque dele fazemos parte, arriscamos a afirmação que a maioria de 80% que pratica vôlei duas vezes por semana é composta por aqueles que frequentam a praia nos fins de semana. Cumpre ressaltar que os colaboradores que declararam praticar o vôlei de praia entre 5 ou mais vezes por semana são atletas profissionais.

Quadro 11: Horas de vôlei de praia praticadas por dia

Horas/dia	Frequência absoluta	Frequência relativa
1	6	12%
2	16	32%
3	19	38%
4 ou +	9	18%

Os dados apresentados neste quadro informam a quantidade de horas de vôlei de praia praticadas por dia: 1 hora: 12% (n=6); 2 horas: 32% (n=16); 3 horas: 38% (n=19); 4 horas ou mais: 18% (n=9).

CONCLUSÃO

Como se demonstrou em nossa pesquisa, pelo menos na nossa amostra, a essência de atividade recreativa nos momentos de lazer continua sendo preponderante entre os praticantes de vôlei de praia que participaram de nossa pesquisa e, isto não pode ser transcurado.

Por outro lado, a transformação do voleibol jogado na praia em esporte olímpico gerou um interessante mercado de trabalho para os profissionais de educação física, já que trouxe para este cenário uma nova atividade comercial, a 'escolinha' de vôlei de praia, espaço destinado à preparação de atletas da modalidade esporte de rendimento, e proporcionou, também, o aparecimento de locais destinados ao treinamento das equipes de alto nível.

Apesar do nome do esporte sugerir a sua prática em praias, verificou-se que o jogo do vôlei de praia não ficou somente restrito a estas, já que foram citados, também, por nossos colaboradores outros espaços, como clubes e academias. Para enfatizar que a prática desta atividade não se restringe as areias das praias cita-se, como exemplo, entre outras, aqui, na cidade do Rio de Janeiro a quadra localizada em um *shopping center* no bairro da Tijuca situada a mais de 10 km de Copacabana.

Além disso, nos chama a atenção que o maior evento nacional da modalidade esporte de rendimento, o "Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia", é realizado em diversas cidades não litorâneas, por exemplo, Cuiabá, São Paulo e Brasília. Assim, estes fatos nos levam a inferir que existe a possibilidade de organizar outros espaços públicos que não sejam as areias das praias para a prática desta atividade esportiva.

Tendo em vista que o objetivo desta pesquisa foi o de levantar o perfil social dos praticantes de vôlei de praia de Copacabana, espera-se que os dados obtidos através desta possam colaborar para ações de políticas públicas através da gestão de quadras de areia para a prática do vôlei e o ensino desta atividade em locais públicos estatais, bem como campanhas publicitárias que tenham como alvo a difusão desta atividade esportiva ressaltando que a sua prática é possível em espaços que não sejam somente às areias das praias e por pessoas de diferentes idades, inclusive as mais idosas.

Espera-se, também, que estes resultados possam contribuir para auxiliar as pessoas e instituições que militam neste esporte a traçar planos e estratégias para

ampliar o número de praticantes e gerar desta maneira possibilidade de empregos correlatos a esta atividade para profissionais de educação física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. OLIVEIRA, L. P. de; COSTA, V. L.M.. Histórias e memórias de pioneiros do vôlei de praia na cidade do Rio de Janeiro. *R. da Educação Física/UEM*, Maringá 2010; 21(1): 99-113 Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/8126>>, acesso em 10/12/2013
2. GUIMARÃES, GL.; MATTA, PEH. Uma história comentada da transformação do voleibol: do jogo ao desporto espetáculo. *Revista de Educação Física* 2004; 78: 79-88.
3. AFONSO, GF. ; MARCHI Jr. W. Como pensar o Voleibol de Praia sociologicamente. *Motriz*, São Carlos 2012; 18(1): 72-83. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3864>>, acesso em 07/09/2014
4. FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE VOLEIBOL (FIVB). Disponível em: <<http://www.fivb.org/EN/beachvolleyball/History.asp>>, acesso em 09/09/2014
5. CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL (CBV). Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/newcbv/institucional/historia.asp?pag=h-praia>>, acesso em 09/09/2014.
6. PIMENTEL, RA. História do vôlei de praia. Disponível em: <http://www.procrie.com.br/2010/01/26/historia-do-volei-de-praia-126#comment-9610>, acesso em 09/12/2013
7. OLIVEIRA, L P.; MOURÃO, L. e COSTA, V LM. Mulher e vôlei de praia: memórias de Tia Leah. *Revista Motriz*, Rio Claro 2010; 16(2): 300-310. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n2p300>>, acesso em 14/12/2013
8. BRASIL. Presidência da República. Lei: Nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Diário Oficial da União [Republica Federativa do Brasil], Brasília (DF), 25 mar.1998. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm>, acesso em 16/08/2014
9. AFONSO, GF. ; MARCHI Jr, W. Amadorismo Do Voleibol De Praia No Brasil. in: Seminário de Sociologia & Política, 2, Anais. Universidade Federal do Paraná – Curitiba – PR, 2010. Disponível em: <http://www.seminariosociologiapolitica.ufpr.br/anais/GT15/Gilmar%20Francisco%20Afonso%20e%20Wanderley%20Marchi.pdf> , acesso em 02/09/2014.

10. THOMAS, JR.; NELSON, JK. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002
11. BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução CNS No 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos. Diário Oficial da União [República Federativa do Brasil], Brasília (DF), 13 jun. 2013 – Seção 1 – Página 59 . Disponível em:< <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>, acesso em: 16/08/2014
12. BRASIL. Presidência da República. Portal Brasil. Gastos por aluno no brasil aumentaram 121% em oito anos, diz OCDE. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2011/09/gastos-por-aluno-no-brasil-aumentaram-121-em-oito-anos-diz-ocde>, acesso em 28/09/2014
13. BRASIL. Presidência da República. Portal Brasil. Estudantes no ensino superior. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/educacao/2013/09/pnad-2012-cai-o-percentual-de-pessoas-sem-instrucao/edu_ace_vestibulares.jpg/view, acesso em 28/09/2014
14. VIEIRA, V.; SANTOS, MF.. Perfil de Praticantes de Atividade Física na Pista do Maracanã. *Ação & Movimento*, Rio de Janeiro 2004; 1(2): 81-90.
15. RIBEIRO, AR.; MITCHELL, R.; CARVALHO, MS.; PINA, MF.de;. Physical activity-frindly neighbourhood among older adults from a médium size urban setting in southern Europe. *Preventive Medicine*. 2013; 57(5): 664-670,
16. SUGIYAMA, T.; PAQUET, C.; HOWARD, NJ.; COFFEE, NT.; TAYLOR, AW.; ADAMS, RJ.; DANIEL, M. Public open spaces and walking for recreation moderation by attributes of pedestrian environments. *Preventive Medicine* 2014; 62: 25-29.